

Resenha

Deus e o Diabo nas bordas da cultura

James Wilker Freire Machado
Luiz Antônio de Carvalho Valverde

Universidade Estadual de Feira de Santana

NOVAES, Cláudio; COSTA, Edil S.; SOUZA, Marcos Botelho, (Org.). *Léguas & Meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, A. 14; nº 7, 2016.

Os 50 anos de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), emblemático filme de Glauber Rocha, merece ser celebrado e amplamente discutido. É o que a edição nº 7 da *Léguas & Meia – Revista de Literatura e Diversidade Cultural*, de 2016, se propôs a fazer: trazer Glauber de volta para o centro do debate. O polêmico e agitador cineasta baiano, nome mais expressivo do Cinema Novo, consagrado e aclamado em inúmeras obras teóricas, teve sua obra descortinada por vários estudos e críticas dos mais diversos campos da pesquisa acadêmica, seja no âmbito nacional quanto internacional. No entanto, sua verve está longe de ser esgotada, como toda arte de vanguarda que se transforma em clássico. Cada vez mais revisitada, questionada, difundida, a filmografia de Glauber se escamoteia pelas fissuras, se abre pelas rachaduras, se reveste de opacidade e se oferta para as infinitas releituras, desconstruções e ressignificações.

Os textos selecionados para a revista trazem o clima explosivo, provocador, filosófico, político, revolucionário e delirante dos filmes glauberianos, que passaram esses mais de 50 anos reverberando o quanto é possível fazer um cinema de enfrentamento aos padrões estabelecidos e ao *establishment* imperialista hollywoodiano.

Organizada pelos professores Cláudio Novaes, Marcos Botelho e Edil Costa, do Departamento do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PROGEL, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), essa edição da *Léguas & Meia* é formada por um dossiê comemorativo que se divide em duas partes: a primeira sobre Glauber Rocha e a segunda uma homenagem à professora e pesquisadora Jerusa Pires Ferreira, natural de Feira de Santana – BA, centrando-se nas temáticas sobre cultura e memória. Além do mais, essa edição comemora os 15 anos de publicação da revista que vem ampliando o debate e a pesquisa sobre identidade, cultura e literatura nos espaços acadêmicos. Abordaremos, em seguida, alguns artigos que compõem o dossiê.

O primeiro artigo *Devires Sonoros revolucionários em Deus e o Diabo na Terra do Sol*, do pesquisador Andriago Nascimento, se aprofunda sobre a utilização dos sons na trilha sonora do filme, apontando para a libertação dos paradigmas estéticos do cinema dominante promovida pela inovação revolucionária do Cinema Novo e dos intrincados territórios sonoros que a narrativa de Glauber propõe. Rompendo com os padrões diegéticos convencionais, as narrativas lineares e o realismo dramático dos cinemas hegemônicos, *Deus e o Diabo* cria uma espécie de “disjunção visual-sonora”, reinventando novos territórios sonoros que problematizem as contradições do país, as sonoridades da cultura local, reverberando os deslizes estéticos que desestabiliza a sensibilidade domesticada dos espectadores. Utilizar os “devires sonoros revolucionários” que reflitam as tensões e os conflitos, que ecoam os sons da fome e da violência do sertão nordestino, símbolo de um país colonizado.

No segundo texto, *Poéticas Musicais em Deus e o Diabo na Terra do Sol* de Guilherme Maia e Euro Azevêdo, temos uma análise de viés imanente sobre a música utilizada por Glauber como forma expressiva de seu discurso político e estético. Propondo uma problematização sobre a poética musical, os autores questionam os lugares já sedimentados pela crítica em torno da composição poética do diretor, apontando para novos olhares sobre o legado de sua obra. No *cinema de guerrilha* glauberiano, a música

é plástica e violenta, se movimenta intensamente com mudanças de tonalidades, tessituras, dinâmicas, ritmos, conferindo um tom de dramaticidade e turbulência que arrebatava o espectador, criando sentidos ambíguos e estranhamentos. Em *Deus e o Diabo* ela não é pano de fundo, efeitos sonoros para embalar as imagens, mas uma amálgama de poéticas que se fundem perfeitamente com a narrativa, a montagem, as imagens e as vozes ao mesmo tempo que rompe com tudo, num processo de disfunção de sentido.

Em *Sertões das Letras ao Cinema nacional: Pedra Bonita e Cangaceiros em Deus e o Diabo na Terra do Sol*, artigo de Leandro Silva e Cláudio Novaes, temos um estudo sobre a presença do cangaço e do misticismo no Modernismo e no Cinema Novo, como elementos da memória coletiva e fundadores de uma consciência nacional que precisam ser apropriados e desmistificados. Fazendo um comparativo sobre os livros *Pedra Bonita e Cangaceiros* de José Lins do Rego e o filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, o texto discute a influência temática dos mitos fundadores do sertão que o filme de Glauber devora da obra de Lins. Os livros/filme tematizam um cenário social humanizado sobre o cangaço e o messianismo, remodelando o imaginário popular ao desconstruir a ideia de que esses dois movimentos eram atos conscientes de rebeldia política e de revolução organizada no sertão. São narrativas dessacralizantes que incitam a superação dos mitos sertanejos, incrustados nas figuras de cangaceiros, beatos, coronéis e volantes, representantes metafóricos de Deus e do Diabo, para que o homem, em sua condição de libertado, possa tomar as rédeas de seu próprio destino.

No ensaio de Marcos Botelho, intitulado *Glauber Rocha, intérprete farol da imaginação*, apresenta-se uma análise sobre a relevância do posicionamento político-ideológico do cineasta enquanto voz interpretativa da hermenêutica da cultura nacional, traçando um roteiro que transita pelas passagens dos filmes e pelos textos-discursos de Glauber que redimensionam a discussão em torno de suas interpretações dos dilemas brasileiros. Parte de uma geração de artistas, intelectuais e agitadores dos anos 60 que efervesceram a cena cultural do país com os dois movimentos mais marcantes no sentido de combatividade, irreverência e criatividade (o Cinema Novo e a Tropicália), Glauber seria um desses faróis que iluminam o pensamento crítico sobre a formação da nacionalidade de um país imerso na miséria e domesticado pela colonização política, econômica e cultural. Seu *cinema de guerrilha*, perturbador e intempestivo, investe contra a mediocridade e a docilidade dos “contentes” para criar um mal-estar e um arrebatamento de corpos. Segundo Botelho, a obra-farol de Glauber faz do estranhamento sua forma de descolonizar o olhar e criar dissonâncias na maneira de ver e discutir as identidades nacionais inacabadas.

Já o texto *Sertão Dilacerado: outras histórias de Deus e o Diabo na Terra do Sol* de Pedro Paulo Gomes Pereira, focaliza sua observação sobre a representação do sertão na película, abordando como as imagens e figuras escolhidas por Glauber tematizam uma alegoria da nação brasileira, ao metaforizar os espaços de uma geografia imaginativa dilacerada. O sertão glauberiano é o lugar de conflitos de temporalidades, do confronto de culturas, de personagens ambíguos, desolados, marginalizados e inseguros, assinalados pela violência e em constante travessia. O autor aponta como a narrativa deslocada e desestabilizadora confere uma releitura mítica dos fatos e histórias “oficiais da nação”, redefinindo personagens emblemáticos, tempos históricos, espaços demarcados que construiriam um ideal de nação. Glauber desconstrói esse ideal e utiliza-se das imagens do sertão para metaforizar os espaços vazios e conflituosos dessa nação dilacerada, em ruínas e sofrimentos, conforme o conceito de alegoria de Walter Benjamin (1984).

Na segunda parte da Revista, que gira em torno da temática sobre cultura, identidade e memória juntamente com a homenagem à Jerusa Pires Ferreira, temos um dos artigos intitulado *A aflitiva insistência: pensamento crítico cultural e teoria das bordas* que traz uma abordagem sobre a obra da pesquisadora, no qual Frederico Fernandes discute sobre a ideia de “cultura de bordas” que a homenageada trabalha em seu livro homônimo. Esse conceito é utilizado por Jerusa para denominar um campo teórico específico onde os trânsitos culturais impulsionam a pesquisa para o movimento contínuo das incertezas ao trabalhar com textos orais e impressos populares da cultura não-oficial, fora da indústria de massa, nas bordas da sociedade, imbricada no cotidiano das grandes cidades e dos públicos moventes no espaço urbano contemporâneo. A pesquisa teórica se condiciona pela curiosidade inquietante do pesquisador numa aflitiva insistência para questionar os paradigmas, romper com as bases solidificadas da crítica acadêmica, instaurar a abertura dos diálogos e das outras possibilidades de compreensão sobre o objeto, operar mecanismo de dúvidas que nos leve ao campo das incertezas, num constante devir sobre o processo de teorização.

Por último, o texto *Memória Viva gerada por Jerusa* de Feliciano Filho traz um enfoque sobre o percurso intelectual e acadêmico da professora e pesquisadora nascida na cidade de Feira de Santana – BA e que muito contribuiu para o campo da teoria e da pesquisa científica nacional. Tanto seu trabalho como docente, tradutora e pesquisadora quanto sua produção ensaística, a contribuição de Jerusa vai além da teorização: é um pensamento-ação, um envolvimento com o objeto, uma reflexão intelectual e imersão corporal nas bordas das culturas que dialoga constantemente, um jogo de fluxo e refluxo sobre as possibilidades de compreender o homem, a cultura, a memória e seus devires.

Recomendado para pesquisadores e estudantes da obra de Glauber Rocha, como também da professora Jerusa Pires, além do público em geral que se debruça sobre questões que giram em torno dos conceitos de cultura, identidade e memória, essa edição da revista *Léguas & Meia* é um prato cheio para ser degustado lentamente, saboreando os textos e as homenagens. De um lado uma obra cinematográfica que atravessa o mar do tempo sem se curvar às ondas do esquecimento e do apagamento, impactando toda vez que é revisitada, revista e analisada, abrindo-se aos campos inquietantes das possibilidades de interpretação e estudos; do outro, uma merecida homenagem a uma pesquisadora, professora e tradutora que precisa ser mais reconhecida, discutida e divulgada por toda a contribuição que ofertou aos campos da teoria acadêmica, do ensino e da pesquisa.

Referências:

FERNANDES, Frederico. *Filha aflitiva insistência – pensamento crítico cultural e teoria das bordas*. *Léguas & Meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, A. 14, nº 7, 2016, p 215-225.

FILHO, Feliciano José Bezerra. *A memória viva gerada por Jerusa*. *Léguas & Meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, A. 14, nº 7, 2016, p 229-233.

JESUS, Guilherme Maia de; AZEVÊDO JÚNIOR, Euro Présdes de. *Poéticas musicais em Deus e o Diabo na Terra do Sol*. *Léguas & Meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, A. 14, nº 7, 2016, p 33-46.

NASCIMENTO, Andrigo de Lázaro S. Casé do. *Devires Sonoros revolucionários em Deus e o Diabo na Terra do Sol*. *Léguas & Meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, A. 14, nº 7, 2016, p 22-32.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. O Sertão dilacerado: outras histórias de Deus e o Diabo na Terra do Sol. *Légua & Meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, A. 14, nº 7, 2016, p 107-123.

SILVA, Leandro; NOVAES, Cláudio. Sertões das letras ao cinema nacional – Pedra Bonita e Cangaceiros em Deus e o Diabo na Terra do Sol. *Légua & Meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, A. 14, nº 7, 2016, p 63-76.

SOUZA, Marcos Cezar Botelho de. Glauber Rocha, intérprete farol da imaginação. *Légua & Meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, A. 14, nº 7, 2016, p 77-94.

Autores:

James Wilker Freire Machado é mestrando em Estudos Literários (PROGEL) pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS. Tem graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual da Bahia – UNEB.

E-mail: jameswfm@hotmail.com

Luiz Antônio de Carvalho Valverde é Doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. É professor adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS.

E-mail: lacvalverde@uol.com.br